CARTAS

DE

FRANCISCO MARTINS SARMENTO

PUBLICADAS E ANNOTADAS

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1901

CARTAS

DE

FRANCISCO MARTINS SARMENTO

PUBLICADAS E ANNOTADAS

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1901

Extrahido d'«O Archeologo Português», VI, n.os 8 a 12 de 1901

CARTAS DE FRANCISCO MARTINS SARMENTO

No *O Archeologo Português*, VI, 30 sqq., publiquei 22 extractos da correspondencia epistolar de Martins Sarmento. Proseguindo na ordem de idéas que me guiou nesse artigo, dou a lume aqui uma serie de cartas por elle dirigidas ao Sr. Dr. José de Barros da Silva Carneiro, illustre medico do partido do Marco de Canaveses, o qual com toda a franqueza m'as cedeu e me permittiu publicá-las. O Sr. Dr. Barros era amigo intimo de Martins Sarmento, que lhe foi devedor de muitos serviços archeologicos, o que nas mesmas cartas se verá.

Como é provavel que um dia estas cartas, com outras que ainda appareçam, tornem a ser publicadas, abstenho-me de as annotar seguidamente, e só lhes ajuntarei uma ou outra observação aqui e alem; quem fizer a publicação completa as annotará.

Formo com estas cartas dois grupos: um com as cartas datadas, que disponho chronologicamente: outro, com as que não tem data (estas coordeno-as o melhor que posso, e não será difficil encorporá-las entre as outras na edição definitiva d'ellas).

Omitto as cartas que não tem interesse archeologico. Nas que trago a público, conservo religiosamente o texto; só substituo por pontos algumas phrases que não havia necessidade de publicar.

Estas cartas mostram-nos que Martins Sarmento não perdia a occasião de se informar directa ou indirectamente do apparecimento de qualquer antigualha importante[1], ou de estimular, por todos os meios ao seu alcance, os individuos que elle via que estavam no caso de o auxiliar nos seus estudos particulares. Nellas nos dá algumas informações curiosas sobre lendas e achados, faz observações sobre a maneira como o povo interpreta os monumentos antigos, e expõe

[1] Em poucas linhas elle nos deixa entrever adeante, grupo II, cartas 1 e 5, o episodio pittoresco de uma excursão archeologica que fez pelo Marco de Canaveses.

algumas das suas theorias, como aquella em que explica o sentido da palavra *Mouros* na tradição popular.

Não me parece haver inconfidencia em levar a effeito a presente publicação. O proprio Sarmento, se fosse possivel reler hoje as suas cartas aqui impressas, não se arrependeria de nos haver deixado esses documentos authenticos da sua biographia, nem se desdiria do público testemunho de sympathia e aprêço que nellas fica assegurado á pessoa do Dr. Barros, o qual estava sempre pronto, embora revestido da maior modestia, a corresponder aos appellos archeologicos que Sarmento lhe dirigia.

J. L. de V.

I. Cartas datadas

1

A gruta das Coriscadas. — Enthusiasmos archeologicos

«Guimarães — 30 [Março] 1882. — Ex.mo Sr. — Entreguei hoje ao meu amigo Antonio Montenegro uma caixita, contendo os objectos que o José Maria d'ahi trouxe, e varios fragmentos de ossos ultimamente achados na celebre gruta.

V. Ex.ª terá a bondade de a reclamar do portador, se elle se der á preguiça e não attender á recommendação que lhe fiz de a entregar a V. Ex.ª

Não sei se auctorizado por V. Ex.ª, o nosso bom Antonio disse-me que V. Ex.ª só queria uma machadinha e uma faca. Eu atrevi-me por isso a ficar com a goiva, porque mais cedo ou mais tarde terei de publicar alguma notícia sobre a nossa prehistoria, com gravuras ou photographias, e a goiva não póde passar em claro.

E os deuses alimentem em Lisboa o amor pelas nossas cousas velhas!

Por ahi ha tanto que ver e que estudar! V. Ex.ª não só póde por si só fazer grandes serviços á pobre sciencia, mas fazer uma especie de propaganda, porque me parece que nesses sitios ha uma curiosidade scientifica pouco vulgar. Já não era pequeno serviço o inventario das antiguidades d'esses arredores, e isso só se póde obter pelo concurso de muitos; mas eu tenho visto que para inspirar interesse, mesmo aos homens rudes, por estas cousas não é necessario o trabalho que muitos imaginam.

Se nas leituras de V. Ex.ª vier apontado algum livro que deseje ler e que eu tenha, não tem mais que avisar-me, que, possuindo-o eu, está ás suas ordens. Pena tenho de não poder offerecer mais nada, e bem estimaria que V. Ex.ª me encontrasse prestimo para alguma cousa. Isso poderia dar-me occasião para poder mostrar que sou com toda a estima — De V. Ex.ª amigo att.º e obg.do = *Martins Sarmento*».

2

Artigo sobre as Coriscadas (no concelho do Marco). — Opiniões do povo sobre as antigualhas. Castro de Boi. — Civilização lusitana

«Guimarães — Abril 1882. — Ex.^mo Sr. e amigo. — Não queria responder-lhe sem lhe remetter ao mesmo tempo o numero de uma folha portuense, em que digo duas palavras acêrca da sepultura das Coriscadas[1]. A publicação do jornal retardou-se, não sei porque, e não tenho paciencia para esperar mais.

Lamento que o modo por que me fallou o Antonio Montenegro me fizesse crer que eu estava auctorizado pelos seus proprios donos a fazer mão baixa sobre os objectos de pedra que d'ahi vieram e que ultimamente devolvi. Sem isso nunca ousaria lançar mão da goiva. V. Ex.ª me dirá se o Sr. Ramalho, a quem V. Ex.ª terá a bondade de expor estas minhas desculpas, quer ou não quer que lh'a remetta. Ella lá irá ter, no caso affirmativo, logo que possa ser. Agradeço a moeda que V. Ex.ª me mandou. Naturalmente é ignorado o local onde foi encontrada.

Bom é que o povo disparate á sua vontade sobre as causas e fim da exploração da sepultura. A indifferença é que seria um pessimo symptoma; mas creia V. Ex.ª que d'estes crendeiros é que eu tenho recebido as melhores noticias. Mesmo a sua mania de que tudo o que pertenceu aos mouros está cheio de ouro é, a meu ver, providencial, porque sem isso não se daria o facto que se dá hoje, a saber, que mesmo um qualquer signal num penedo, ás vezes num ermo e com valor archeologico, nunca é desconhecido pelos vizinhos, nem confundido com cousas modernas. É a tradição de paes a filhos que faz isto. Portanto, devaneie o povo á sua vontade, mas vá-nos dizendo onde estão as cousas.

O outeiro de Castro de Boi[2] deve ser importante, segundo me disse o Taveira. Ha de ser, como dezenas de outras fortificações que tenho visto, do tempo da Citania. Se a pedra não estiver toda saqueada na coroa do monte, e ainda se conservam vestigios de construcções, V. Ex.ª ha de ver necessariamente os alicerces de casas circulares, que muitas vezes mal afloram no solo. Foi esta civilização rude, mas

[1] [Não sei que artigo é este. Não o vejo mencionado no catalogo dos artigos de Sarmento publicado na *Revista de Guimarães*, numero especial, p. 19, e vol. XVII, p. 130, pelo Sr. Abbade Oliveira Guimarães].

[2] [Perto d'este castro (no concelho do Marco) ha algumas mamôas, — como me informa o Sr. Dr. Barros].

muito caracteristica, e menos rude, todavia, quando se examina de perto, do que apparentemente inculca, que os romanos vieram encontrar entre nós. D'ahi a sua importancia para a nossa ethnologia.

Muito agradecerei as notícias acêrca da sepultura d'Alpendurada e todas as que V. Ex.ª se dignar dar-me. Nada d'isso ficará perdido e verá a luz publica em tempo competente.

. . . . . — De V. Ex.ª amigo att.º e obg.do = *Martins Sarmento.*

3

Sepulturas abertas em rocha. — Lenda do convento de freiras. — Missa da abbadessa

Guimarães — Maio 1882. — Meu Ex.mo amigo. — Lá me palpitava que as sepulturas de pedra, de que me falou numa das suas cartas, deviam ser fixas. Sepulturas d'essas, e exactamente da fórma que descreve, tenho-as encontrado por toda a parte. No Minho, como na Beira, ha-as ás centenas. A que epoca pertencem? Aqui está um enygma que me tem feito suar o topete inutilmente. Todas as de que tenho conhecimento apparecem vazias; ninguem dá conta de objecto que se encontrasse dentro e que possa lançar um clarão qualquer sobre a questão chronologica. A fórma mesma da campa dá a entender que estamos em plena epoca de enterramento. Por outro lado póde-se dizer que tal genero de sepulturas não existe nas nossas antigas ruinas do typo da Citania e monte de S. Thiago, bem que appareçam nos arredores d'estas cidades mortas e na direcção para onde a população se estendeu, abandonando o alto. Casos como o de Freixo são uma excepção, porque é evidente que o Freixo foi sempre habitado quasi sem solução de continuidade. Assim, a minha opinião é que as sepulturas em rocha já são posteriores á epoca romana, em que era uso queimar os mortos, e pertencem talvez ao chistianismo. Eu estendo-me sobre este ponto, porque, havendo por ahi tanta antiguidade, é bem possivel que V. Ex.ª, embirrando tambem com este enygma e tendo-o presente, encontre casualmente qualquer indicio que dê sobre o ponto a luz que tenho procurado debalde.

Muito agradeço o offerecimento que V. Ex.ª se digna fazer-me, e estimaria que a sua visita á Citania se effectuasse. O Sr. P. Sanches fallou-me ahi em que desejava ver aquellas ruinas. Ahi tinha V. Ex.ª um companheiro excellente para lhe suavizar os enfados da jornada.

A lenda do convento de freiras e da missa da abbadessa é curiosa, tanto mais que a personalidade da freira nas nossas tradições populares me parece um assumpto digno de um estudo especial.

Em Fafe (perto .....[1]) ha um monte, onde a tradição [diz][2] que existiu um convento de freiras: o outeiro, onde o convento existiu, mostra uns vestigios taes quaes de antiga povoação, e para mim é de fé que nunca ali houve freiras nem cousa que o valha.

Defronte da Citania ha tambem, na encosta de um monte, uma grande lapa, por baixo da qual existiu o quer que fosse. A tradição diz que viveu ali uma freira. Estas freiras que vivem nos altos dos montes e por baixo das fragas são para mim muito suspeitas. Como nos mouros se esconde certamente a individualidade obscurecida dos pagãos, é bem possivel que nas freiras se esconda outra com raizes muito profundas no paganismo, do mesmo modo ainda que as fadas dos nossos contos são em regra antigas divindades pagãs, muitissimo deslavadas pela acção dos seculos e outras causas complexas.

De resto o campo archeologico portuguez é de uma riqueza espantosa. Infelizmente os trabalhadores são poucos. Os grandes vadios e ricassos que passam a vida a não fazer nada ou a jogar a batota de toda a casta, esses que tanto podiam fazer, nem sequer comprehendem a utilidade d'estas indagações. Trabalham apenas aquelles que menos tempo disponivel teem, e por fim estes trabalhos isolados e sem um centro e um orgão que lhes dê publicidade, e sem um publico que se interesse por elles, ficam quasi nos limbos.

Paciencia. A gente fica com a consciencia de que cumpre o seu dever, fazendo o que póde.

Tenho todas as esperanças de ir ver as descobertas de V. Ex.ª, mas por ora não sei quando isso poderá ser.

Dê-me sempre as suas ordens e creia na muita estima com que sou — De V. Ex.ª amigo att.º e obg.do — *Martins Sarmento.*

4

Cidade morta de S. Tiago. — Citania e Sabroso. — Pagãos e Mouros. — Esculpturas antigas. Cossoiros ou *fusaiolas*. — Inscripção de Alpendurada

Guimarães — 25, 4. 82. — Meu Ex.mo amigo. — O que por ahi vae! Tenho em meu poder as duas cartas de V. Ex.ª e a lata com os objectos encontrados no monte de S. Thiago[3] e proximidades. A lata não tardará a ser devolvida.

---

[1] [Não se entende o que se segue. Parece que seria «da villa»].

[2] [Accrescento *diz*, que falta no texto, por esquecimento].

[3] [Este castro fica perto da celebre gruta ou lapa das Coriscadas: tem ainda muralhas, e ahi ha penedos com *covinhas*, e tem-se encontrado restos de ceramica romana e pre-romana. Informação do Sr. Dr. Barros. — Cfr. carta n.º 3].

Entre os objectos de barro ha um fragmento de asa de amphora. Isso e os pedaços de telha com rebordo indicam uma influencia romana — o que não quer dizer de modo algum que as povoações do typo das de S. Thiago não sejam lusitanas *pur sang;* mas simplesmente que subsistiram ainda depois da conquista romana, e que a sua gente se romanizou mais ou menos. Eu sinto que V. Ex.ª esteja tão longe e que não tenha occasião de poder ver as excavações que tenho feito na Citania e em Sabroso. Por uma fortuna inexplicavel, Sabroso appareceu-me sem a minima influencia romana, e é sem duvida nenhuma a cousa mais curiosa que temos até hoje, para estudar a civilização lusitanica anterior á conquista romana.

Na Citania a influencia romana é já visivel. Do meio de Maio até talvez fins de Julho tenho tenções de ir para uma quinta, perto das Taipas, e continuar com as excavações na Citania. Se V. Ex.ª quisesse ir passar ali algum dia, estimá-lo-hia muitissimo, e não daria o tempo por mal empregado, attento o interesse que a archeologia lhe merece.

Quando as povoações como Citania e S. Thiago, etc. (porque são tudo a mesma cousa) deixaram de existir, não é facil saber-se; mas que foram abandonadas seculos antes da invasão dos arabes é cousa sem contestação; mas para mim é fora de duvida que a denominação de mouros, que o nosso povo applica aos constructores de todas as antiguidades que por ahi ha, nasceu d'uma synonymia, cuja data historica se pode determinar approximadamente. Antes de se falar em mouros, todos aquelles monumentos eram de certo attribuidos aos pagãos. Depois aos mouros deu-se a denominação de pagãos, como é facil provar com documentos historicos. Aqui começa a confusão. Em seguida vae-se perdendo o nome de pagãos e fica o de mouros. Em algumas cousas, os francezes que fizeram o favor de nos incommodar nos principios d'este seculo, vão já substituindo os mouros. Em summa, sempre que a tradição popular me fala de mouros eu subentendo «pagãos» e fico muito contente[1].

O planalto do monte de S. Thiago deve conter muita curiosidade. Pena tenho de o não poder trazer para as minhas vizinhanças. Hei de porém visitá-lo. O que é indispensavel é apanhar a pedra, hoje na parede, com o esboço de uma cara humana, e V. Ex.ª tem de certo a bondade de me saber nas horas vagas, e em occasião opportuna, por que canal a poderei obter, barata ou cara. Isso pode indemnizar

---

[1] [Sobre este assunto escreveu Sarmento um artigo especial n-*O Panthcon,* Porto 1880-1881, pp. 105 e 121].

a gente da perda da «cabeça do cavallo», de que me fala tambem. Mas não existirão ainda fragmentos d'ella? Tudo isto são preciosidades. Eu tenho colligido algumas de differentes partes e continuarei a colligi-las com a boa esperança de ver aqui em Guimarães um pequeno «museu archeologico», ao qual as darei.

Em todo o caso a descripção exacta da celebre cabeça, o modo por que estava encaixada no penedo, seria importante.

Em Sabroso encontrei eu a «cabeça de um porco» e o focinho de outro, e estes restos da nossa esculptura são inapreciaveis. V. Ex.ª não faz d'isso collecção e permitte-me decerto que lhe peça o favor de m'os adquirir por qualquer preço, logo que os encontre, bem como pedras esculpturadas, ou inscripções em pedras portateis.....

O bocado de louça circular com um buraco no centro é cousa minha conhecida. É uma *fusaiola* economica. As perfeitas, que apparecem ás duzias na Citania e Sabroso, como em Troia, na Suissa, Italia, etc., são espheras de barro achatadas, e algumas com signaes symbolicos. Na Citania, porém, apparecem as que eu chamo *fusaiolas* economicas, porque são aproveitadas de um caco qualquer, emquanto as outras são obra de um oleiro.

Estou com muita curiosidade de ver a inscripção da sepultura de Alpendurada. Certamente pertence já aos tempos christãos. Alguns nomes locaes que menciona nas cartas são muito interessantes. Oxalá que os trabalhos instantes de V. Ex.ª lhe permittam ir reconhecendo o terreno. Eu recolho escrupulosamente todas as notícias e nenhuma se perderá. Logo que possa, tirarei algumas provas das pedras esculpturadas da Citania e Sabroso, para V. Ex.ª fazer idéa da ornamentação d'aquelles velhos tempos, sendo possivel que encontre por aqui e por acolá algumas da mesma farinha. A mim já me succedeu isso em mais que uma parte.

E bastará por agora de mais massada. Receba V. Ex.ª os meus mais sinceros agradecimentos, e creia que muito estimarei ser-lhe prestavel para alguma cousa.

Para o Sr. Ramalho, que sinto não conhecer pessoalmente, pedia os meus agradecimentos pela cedencia que se dignou fazer-me da goiva.—De V. Ex.ª amigo att.º e m.to obg.do—*Martins Sarmento.*

5

Photographias da Citania e Sabroso.—Arte mycenense nesses castros. Differença entre a Citania e Sabroso.—Symbolos religiosos

Guimarães—6, 1882.—Meu Ex.mo Amigo.—Tenho andado de tal modo atarefado com o trabalho de tirar as photographias da Citania

e de Sabroso que prometti ao Hübner[1], quando elle por aqui andou, que não tenho tido tempo de responder ás cartas de V. Ex.ª, nem de lh'as agradecer.

Hoje, pelo correio, mando-lhe tambem algumas photographias de pedras ornamentadas e cacos tambem ornamentados. As pedras são algumas da Citania e outras de Sabroso. O estylo é sempre o mesmo. Sustentavam alguns archeologos franceses que o estylo d'esta ornamentação era suevo[2]. Isto motivou uma polemica, em que os meus illustres adversarios se declararam batidos, e o Henri Martin veiu então com a sua velha mania de que a ornamentação é celtica. A minha opinião é que não temos nada a ver com os celtas; mas o que está apurado é que tal ornamentação é pre-romana. Entre as pedras verá V. Ex.ª com surpresa uma perfeita cruz de Malta. D'estas cruzes apparecem ás duzias nas ruinas de Mycenas, e, o que é mais singular, associadas com o suastika, de tres ou quatro braços curtos, como na Citania[3].

Os fragmentos de barro ornamentados e a fusaiola são de Sabroso. Alguns d'estes ornatos são da epoca do bronze pura. Ha em Sabroso para cima de trinta e cinco themas de ornamentação! Na Citania, neste particular, ha uma verdadeira pobreza. Foi uma industria indigena, que a importação do braço romano matou. Toda a louça com este estylo ornamental tem muito valor para os caturras, como eu.

Pedras ornamentadas apparecem mais frequentemente do que se poderia esperar, e a V. Ex.ª decerto já lhe não escapa alguma que veja, porque o estylo é muito caracteristico.

As *fossettes* de que me falla, e que existem no Castro de Boi, bem desejava vê-las; mas naturalmente este anno não pode ser. Mais curiosos são ainda os circulos concentricos, espiraes, etc. Creio que já mandei a V. Ex.ª um esboço d'estes signaes. Se me der conta de alguns, muito lh'o agradeço.

Os symbolos religiosos da nossa antiguidade vieram certamente da India; mas a filiação directa é perigosa, alem de tudo, porque o desenvolvimento religioso dos Indios é um pouco obscuro. A triada

---

[1] [Estas photographias as vi eu em Berlim, em casa de Hübner, em 1899. Elle tinha-as colleccionadas e guardadas com maços de cartas archeologicas, recebidas dos seus amigos de Portugal. Tambem lá devia ter cartas de Sarmento. Não me lembro. Na occasião em que estive em Berlim, eu não sabia ainda da morte de Sarmento, e não pensava pois em examinar as suas cartas].

[2] [No texto lê-se por equivoco «sueva»].

[3] [Sarmento tratou d'este assunto mais extensamente na *Portugalia*, I, 1 sqq., desenvolvendo as ideias de Virchow e Cartailhac].

índica já existia quando o ramo arico, que veiu até o ultimo occidente, se separou dos seus irmãos? Grande questão. É certo que no Rig-Veda a trindade pode-se dizer que ainda não é gente. Vichnou, como Indra, como toda a phalange de deuses, respiram um naturalismo delicioso, e o sacerdocio e a theologia parece que ainda não assentaram os seus dogmas nem a sua grande auctoridade, como se nos mostra já no Ramayana. — Seja como for, o elemento animalesco fez grande figura entre nós. Os porcos ou javalis de Sabroso não são unicos na Hispanha[1]. Ha, alem d'isso, os touros e até ursos, segundo dizem alguns archeologos do reino vizinho. Mas os nossos vizinhos em archeologia estão tão adeantados como nós, e exploram talvez menos.

Os que tratam d'isto são raros, como o melro branco.

Dê-me as suas ordens, e creia-me — De V. Ex.ª amigo att.º e obg.mo — *F. Martins Sarmento.*

6

Inscripções (romana e portuguesa) do Marco de Canaveses.
Ruinas de *Chalcedonia* e estrada da Geira

Guimarães — 4, 8, 1882. — Meu Ex.mo Amigo. — Vejo, pela carta de V. Ex.ª, que o Marco continua a revelar as suas antiguidades com a maxima generosidade. A ara de Thuias já eu conhecia, e a copia de V. Ex.ª é quasi boa. Só ha alguma inexactidão na ultima linha, que deve ser VLI · F · V · L · S. Portanto: LARIBVS | CERENAECIS | NIGER | PROCVLI | F(ilius) | V(otum) | L(ibens) | S(olvit) |. Argote fez uma traducção absurda sobre uma copia ainda mais absurda. A inscripção diz simplesmente que Nigro, filho de Proculo, cumpriu um voto que tinha feito aos Lares do Cerenecos. Argote, de NIGER fez NIL (= Nicelio, não, como diz o seu abbade, mas Nilo) e ER (= Erredio!!); de PROCVLI fez PROC(urator) e VII (= viarum!!); de F.V fez PV(blicarum!). É necessaria toda a cautela com o bom do Argote. A inscripção acha-se incluida na grande collecção do Hübner.

A outra inscripção parece-me que diz: S(epultura), D (de), L (talvez D) VARTF (= T + E) (Duarte), FB (talvez R) Z (Fernandes), F (talvez E) (e), SEO (seus), HE (H + E) (HDIROS) (herdeiros).

A «pedra que bole e tange», pelo que se vê, é uma das «pedras oscillantes», sobre as quaes tanta discussão tem havido. Se ella tivesse algum signal, valia 1 milhão.

Se a inscripção das Caldas de Canavezes fosse latina, valia tambem muito dinheiro, porque decerto está inedita.

---

[1] [Aqui *Hispanha* está no sentido de *Hispania*].

Depois de voltar de Ancora, para onde vou a 12 do corrente, tenho as melhores tenções de ir visitar as descobertas que V. Ex.ª tem feito.

Não tive o gosto de o ver em Briteiros. No dia 27 parti d'ali para o Gerez, onde me demorei tres dias. Vi uma parte da celebre estrada da Geira e tres grupos de marcos milliarios já conhecidos, e as ruinas de uma falsa Chalcedonia[1], onde dominam penedos colossaes, havendo pouco espaço para construcção. No emtanto a telha romana é abundante; vestigios de casas quasi nenhuns, sendo provavel que quasi todas as casas fossem de madeira. Da muralha restam apenas dois lanços muito pequenos. Sem alvião e enxada nada se pode decifrar no meio do enorme fragnedo e da selvagem vegetação que cobre o pouco espaço que o não é.

O que é admiravel em algumas partes do Gerez é a natureza. Eu ia prevenido contra as exaggerações; mas d'esta vez fiquei codilhado: encontrei mais do que esperava.—De V. Ex.ª amigo e m.to obg.do=*F. Martins Sarmento.*

7

Inscripção portuguesa de S. Nicolau.—Projecto de uma excursão archeologica ao Marco

Ancora—1, 9, 1882.—Meu Ex.mo Amigo.—Era capaz de jurar que respondi á sua ultima carta. Seguindo os bons conselhos juraria, mas não apostaria, porque tenho andado por Seca e Meca, e a gente desorienta-se no meio d'esta lufa-lufa.

É certo que recebi e registei a dita carta, cujas notícias apreciei, como sempre.

Não entendo palavra da inscripção da igreja de S. Nicolau. Quanto á do cruzeiro, tenho visto taes extravagancias neste genero de inscripções que me não admiraria se ali estivesse escrito: *João Duarte Felix Vêlho.* Em todo o caso parece-me fora de duvida que nestas garatujas está o nome de quem mandou fazer a cruz.

É curioso o Penedo dos Lagares, que cuido ter uma analogia tal qual com as pias dos penedos de Panoias, perto de Villa Real, e outras que já vi. Para que serve aquillo? É um mysterio para mim e creio que para os outros; mas quer-me parecer que o «açougue dos mouros» pertence á mesma categoria de monumentos. Não é vergonha confessar que a nossa ignorancia é profunda, principalmente por-

[1] [Diz-me o meu amigo o Sr. Engenheiro Antonio Torres, que existe naquella localidade o mineral denominado *chalcedonia*. Talvez esteja aqui a origem do nome, por influencia litteraria, pois que *Chalcedonia*, com applicação ás ruinas do Gerez, não póde ser denominação de origem popular].

que estes estudos estão no começo, e nenhuns pontos de comparação existem, pelo que sei, com objectos da mesma especie já decifrados ou meio decifrados. Acêrca das sepulturas abertas em rocha, appareceu ha pouco tempo uma perto de Ponte do Lima com uns rabiscos, que podiam bem ser uma inscripção; mas nem eu a matei, como creio que a matem as pessoas a quem remetti copia. Se a inscripção fosse intelligivel, apanhavamos o fio do labyrintho.

Não duvido nada que o «Penedo das Coriscadas» tenha vizinhos importantes. Conhecê-los é de uma utilidade excepcional.

Quando for para Guimarães tratarei de organizar um itinerario para visitar e estudar tudo o que V. Ex.ª, com tanto interesse, tem investigado. Será o que se costuma dizer «papa feita», o que é extremamente commodo. Sem boas informações corre-se o perigo, que ha dias corremos, eu e outros companheiros, que andamos umas 3 leguas á busca de antiguidades, que não appareceram. Agora affirmam-nos que nos ficaram ao lado, e talvez ainda lá volte. Ha, dizem, uma inscripção num penedo, e isso é serio, para não arriscar outra caminhada.

Se V. Ex.ª quiser alguma cousa d'esta praia, não tem mais que mandar. — De V. Ex.ª amigo att.º e obg.do = *F. Martins Sarmento.*

8

O estudo da *Ora maritima*. — Antas da Peneda. — Insculpturas antigas

Guimarães — Outubro 1882. — Meu Ex.mo Amigo. — De volta de Ancora recebi a sua estimada carta com as interessantes noticias que continua a dar-me. Tenho todas as esperanças de ir ver todas as suas descobertas para os principios do anno que vem. Um trabalho que trago ha um anno na cabeça, e que tenciono reduzir a escrita e publicar, vae occupar-me durante estes meses de inverno[1]. Depois começarão as excursões.

Na temporada que passei em Ancora não fui tão feliz, como esperava, nas minhas digressões pelo Alto Minho, mas alguma cousa apurei. Entre as novidades são dignas de menção umas seis antas na Serra da Peneda, onde ninguem as podia imaginar[2]. Estou certo que, quando V. Ex.ª vir um d'estes monumentos e se familiarizar com elles, ha de começar a encontrá-los nas suas excursões, não admirando, sem isso, que elles lhe passem desapercebidos. Tambem encontrei na freguesia

[1] [Supponho que se refere ao estudo sobre a *Ora maritima* de Avieno].

[2] [Cfr. o meu folheto *Uma excursão ao Soajo*, Porto 1882, p. 21, onde fallo de Sarmento e d'estas antas, pois que assisti á excursão].

de Azevedo uma lage com gravuras curiosas, e algumas novas para mim. Aqui, em vez de circulos concentricos, apparecem quadrados, mas gravados pelo mesmo processo que os circulos:

De inscripções nada, a não ser a de um marco milliario que, com outros, existe na capella de S. Bartholomeu d'Antas, em Rubiães (Paredes de Coura), e cuja inscripção só agora foi copiada. A chuva não me permittiu ir a algumas partes, onde me denunciavam varias curiosidades, que só para o anno poderei ver.

O que eu desejo, sobretudo, é ser-lhe prestavel para alguma cousa, por isso disponha V. Ex.ª de quem é — De V. Ex.ª amigo e m.to obg.do — *F. Martins Sarmento.*

9

Inscripção (portuguesa) de Villa Cahiz e do Freixo (romana)

Guimarães — 10, 1, 1883. — Meu Ex.mo Amigo. — Tenho a copia da inscripção de Villa Cahiz, que me remetteu a 31 do passado. Logo me quiz parecer que estava incompleta. Tem cara de inscripção tumular: epitaphio de algum illustre portuguez, cujos ossos andaram já aos pontapés. Para o meu ramo de estudo a inscripção do cruzeiro do Freixo tem outro valor; mas não percebo nada. O Freixo parece-me uma mina preciosa. Quando por lá andei, um rapaz ia mostrar-nos um *São Solimão* gravado numa pedra; mas não sei o que se metteu de permeio, o certo é que não vi o *São Solimão*, que talvez seja uma gravura bem curiosa. O que vi é que se ali houvesse algum amador, havia de fazer uma bonita collecção com o que apparece por acaso. Eu vou tomando nota das notícias que me dá, e tenho boas esperanças de ir ver os logares, a que ellas se referem, mais hoje, mais ámanhã.....

Com toda a estima — De V. Ex.ª amigo att.º e obg.do — *F. Martins Sarmento.*

10

Bibliotheca de Guimarães. — Sepulturas e vasos de Moreira de Conegos. Vasilhas de Amarante e Moreira de Rei

Guimarães — 15, 3, 1883. — Meu caro Amigo. — Muitissimo obrigado pelas suas felicitações, mas pede a verdade que se diga que me cabe muito pequeno quinhão nellas. A verdade é tambem que, se a fortuna ajudasse todos os annos a bibliotheca, como a ajudou este anno, Gui-

marães viria dentro em pouco a possuir uma bibliotheca de primeira ordem. Infelizmente, o borda-de-agua que tal predissesse enganava com toda a certeza.

Estimarei muito os vasos de que me fala. Ainda que estejam partidos, podem reconstruir-se melhor ou peor, e augmentarão a minha collecção que, por ora, é bem pequena. A uma legua e meia d'aqui, em Moreira de Conegos, apparece uma verdadeira mina de vasos. Ha dias trouxeram-me uns quinze, todos inteiros. Encontram-se dois a dois em covas quadrilongas abertas no saibro e cheias de terra vegetal. Estou a ver que aquillo era um cemiterio, e resta saber de que povoação, porque, se bem que ninguem falle de ruinas proximas, deve, comtudo, havê-las. Como apparecem tambem muitos pregos, vê-se que o cadaver era enterrado dentro de um caixão. É singular que, quasi ao mesmo tempo, me mandavam de Amarante uma vasilha igual a uma outra de Moreira de Rei e achada dentro de um caixão de madeira muito podre. É possivel que estes enterramentos já sejam da epoca christã. Em todo o caso são muito antigos, e podem servir para conhecer a transição da epoca chamada romana para a christã.

Eu, por ora, tenho estado embocetado no quarto; mas não tardo a sair para explorar algumas antigualhas d'estes arredores. Que V. Ex.ª continue a ser tão feliz nos seus achados é o que eu desejo e todos os que se interessam por estas cousas do passado. — De V. Ex.ª amigo att.º e obg.do — *F. Martins Sarmento.*

11

Inscripções. — Excavações da Citania

Guimarães—5, 6, 1883.—Meu Ex.mo Amigo.—Recebi tudo, mas Guimarães está tão favorecida no capitulo da viação accelerada que foram precisos dois dias para a conquista da lata, que dormiu longo somno na estação de Famalicão.

O que me embaçou deveras foi a inscripção de grandes letras. Ella não me parece propriamente da epoca romana, mas já da epoca de transição, e decerto tem valor. Depois de decifrada pode ter muito, mas, por emquanto, ainda ando a soletrá-la. A de S. Nicolau está tão incompleta que não faz o menor sentido, sejam quaes forem as combinações a que a sujeite. Estou morto por ver tudo isso de perto, porem o tempo tem brincado com todos os meus planos. Pelo sim, pelo não, já mandei começar as excavações na Citania, e no fim d'esta semana, chova ou não chova, para lá vou. Parece-me que o verei lá, primeiro que vá ao Marco, porque este anno de certo não faltará. Eu

só mais tarde poderei fazer a minha excursão; mas desejava que nas horas vagas traçasse o roteiro que havemos de seguir e as distancias approximadas, para me ir orientando.

Pena é que em cada concelho, pelo menos, não haja um trabalhador como V. Ex.ª Infelizmente, ninguem trata d'isto, e os poucos que cultivam a vinha preferem ler um livro no fundo do seu gabinete. É mais commodo; mas assim nada se fará. Estou certo que V. Ex.ª, vendo a Citania, ainda mais interesse tomará pelas nossas antiguidades, que já lhe não devem pouco.

Sempre os meus agradecimentos, e creia na muita estima do— De V. Ex.ª amigo e obg.do = *F. Martins Sarmento.*

12

Castros e mamôas da Povoa de Varzim e instrumentos de pedra. — Freixo de Baião

Guimarães — Outubro 1883. — Meu caro Amigo. — Recebi a sua carta; o que estimei muito, principalmente por ter notícias suas, que me faltavam ha muito.

Sinto que não désse uma chegada até á Povoa. Teria algumas semanas de distracção e encontraria lá muitos amigos, pois que mais de uma pessoa me falou de V. Ex.ª Eu percorri aquelles arredores e encontrei mais antigualhas do que esperava: uns oito castros, umas nove mamoas, algumas das quaes cobriam com certeza antas. Recolhi uns sete machados e uma goiva de pedra, e tenho a certeza de que ainda ficou alguma cousa por espiolhar. La volto para o anno.

Quanto á nossa projectada excursão, ainda não pode ser por ora. Tenho umas poucas de cousas a aviar, e, emquanto as não puser fora de casa, não descanso.

Vou tomando sempre a competente nota das descobertas de V. Ex.ª, descobertas que teem sempre interesse. A pedra ornamentada do Freixo desperta-me sobretudo a curiosidade. O José Leite de Vasconcellos andou por Baião e descobriu lá uma das estatuas chamadas gallegas [1] e um quadrupede de pedra que diz ser muito antigo. Ha por ahi tanta cousa que a gente nem sabe para onde se ha de voltar. Mas alem d'isso os fastidiosos trabalhos de banca tomam-me muito tempo e eu ás vezes chego a cansar.

Veja se lhe presto para alguma cousa e disponha de mim com franqueza. — De V. Ex.ª amigo att.º e obg.do = *F. Martins Sarmento.*

---

[1] [Não é propriamente uma das estátuas gallegas. Cfr. *O Arch. Port,* VI, 47–48].

13

Moedas de Gestaçô. — Preparativos da excursão ao Marco

Vizella — 9, 6, 1884. — Meu caro Amigo. — Estou em Vizella desde o dia 2, e aqui recebi as moedas de Gestaçô, que muito lhe agradeço [1]. Temos brevemente a exposição de Guimarães, a que tenho quasi obrigação de assistir, e cuja abertura terá logar no dia 15 do corrente. Depois d'isso combinaremos, não os dias em que me convem, porque todos os dias são para mim bons, mas os dias em que o meu amigo está livre e sem occupação.

Veremos então as suas descobertas, que não são poucas, nem pequenas; mas, para não perdermos tempo nenhum, tem de dar-se ao trabalho de traçar o itinerario do primeiro dia, e de ter por certo que pela minha parte eu sustento-me com qualquer cousa em qualquer vendarola que encontrarmos pelo caminho, ás horas em que nos chegue a vontade de comer. A digressão, se não tiver o caracter de uma viagem de bohemio, perde toda a graça, e eu conto desde já com os horrores da vida nomada.

Sem tempo para mais. — Seu m.^to^ amigo e ven.^dor^ — *F. Martins Sarmento.*

14

Antiguidades de Vizella. — Moedas de Pombeiro e da Citania. — Projecto do Museu de Guimarães

Vizella — 24, 6, 1884. — Meu Ex.^mo^ Amigo. — Hontem fui ao Monte dos Perdidos e encontrei um rapazola que me disse que V. Ex.^a^ e seu mano tinham dias antes andado por ali a procurar inscripções em penedos, falando-me especialmente da de Froias. Á volta da minha excursão, encontrei a sua carta! Todo aquelle sitio é digno de uma exploração minuciosa. Já no adro da igreja de S. Jorge tinha encontrado uma das celebres estatuas *callaicas*, que não posso perceber d'onde veiu. Na minha excursão ultima, perto da igreja de S. Martinho, uma mulher me foi mostrar um penedo com letras. Como o povo chama letreiros a quaesquer riscos ou marcas, julguei que ia encontrar um penedo d'esta casta. Encontrei duas cousas juntas, um penedo crivado de fossettes e tendo numa parte em grandes caracteres: CA⊥R. Disseram-me em seguida que não faltavam por ali e pelo Monte dos Perdidos penedos com letras e marcas, mas, segundo vejo da carta de V. Ex.^a^, a melhor inscripção foi-se, e pena é.

---

[1] [Refere-se a um thesouro de moedas romanas achado ha annos em Gestaçô (Baião): cfr. *O Arch. Port.*, IV, 66. Tambem possuo muitas d'ellas].

Agradeço immensamente a bondade que teve seu Ex.mo Mano em prestar-se a acompanhar-me. Talvez um dia lhe vá bater á porta, mas os nossos passeios são sempre resolvidos de repente, e o grande favor seria o de notícias de antigualhas com a indicação do logar onde ellas existem.

O resto fica por minha conta, porque eu ataco os vizinhos com toda a coragem, e aquella gente é boa.

As moedas que ultimamente vieram não teem grande valor. Mais tem a apparecida em Pombeiro, que, se me não engano, é igual a outra encontrada na Citania, o que verificarei quando for a Guimarães. Se é o que eu penso, a moeda é romana, mas cunhada numa das cidades de Hispanha.

A exposição de Guimarães encerra-se, segundo diz a letra redonda, a 15 de julho.

Por causa de V. Ex.a estou já arrependido de ter escolhido estes dias para a nossa projectada passeata; o calor é excessivo e ás vezes insupportavel. Creio, porém, que a chuva não tardará, trazida por alguma boa trovoada, para melhorar este horror.

De resto, eu sei que V. Ex.a não pode perder dias seguidos e é minha tenção dividir a exploração em mais que uma parte; ir, por exemplo, duas vezes, demorando-me de cada uma dois dias.

Folgo muito com a acquisição dos objectos de pedra da gruta de Soalhões. Vamos organizar um museu de velharias em Guimarães, e a gruta (desenho) e objectos lá encontrados figurarão com distincção no museu. Pena é que escapassem muitos.—De V. Ex.a amigo m.to obg.do=*F. Martins Sarmento.*

15

O Dr. João de Vasconcellos. — Antiguidades de Baião

Povoa de Varzim—10 Agosto de 1884.—Meu caro amigo.

. . . . . Não se incommode mais com as moedas de Gestaçô. Ellas teem sempre valor, por se saber o sítio onde appareceram, mas toda a massada tem um limite.

Quando me safar d'aqui para Guimarães, apressar-me-hei a dar parte para irmos fazer combinações no côto de Sabroso. O nosso [João de] Vasconcellos[1] estará já então um archeologo feito com a leitura dos

[1] [Refere-se ao Sr. Dr. João de Vasconcellos, do Marco de Canaveses, outro apaixonado e illustrado investigador da archeologia local, e que conhece *de visu* todas ou quasi todas as estações archeologicas dos concelhos do Marco e de Baião, tendo colligido a respeito d'ellas grande quantidade de apontamentos que espero serão publicados n-*O Archeologo Português*].

livros que lhe remetti — se é que elles chegaram ao seu destino. Até agora ainda nada sei d'isso e pode bem ser que o caixão durma na estação do Marco de Canavezes, emquanto a carta que incluia a guia fosse levada para outra parte. Os correios entre nós são capazes de tudo. Como o forte dos livros são as gravuras, o meu amigo não perde nada em lhes lançar a vista.

O Eduardo quando voltar a Baião — e dizia, quando eu sai de Guimarães, que não tardava — vae, diz elle, fazer explorações no dolmen da Fonte do Mel (?)[1] e procurar umas inscripções que ha em Villa Moura, tambem em Baião; ..... as taes inscripções ..... parece serem tantas como a chuva.

Aqui é que eu não sei o que hei de fazer. Vi o anno passado o que havia que ver e só para alem de duas leguas é que poderia trilhar terreno virgem. Esperamos alguma cousa do Deus acaso. — Seu amigo m.^to obg.^do = *F. Martins Sarmento.*

P. S. Chega-me agora mesmo uma carta de J[oão] de Vasconcellos.

16

Inscripções lapidares. — Museu de Guimarães

Guimarães — 31, 4, 1885. — Meu caro Amigo. — Não tem duvida que os castros são por ahi aos montes. O que era indispensavel era encontrar um morgado muito rico que quisesse ser o Schliemann d'essas regiões. Quem sabe? Talvez elle appareça de repente como os sapos, segundo a crença do povo. O meu amigo e o J[oão] de Vasconcellos a descobrir castros, e o nosso morgado a cavar nelles, era um sonho de borracho.

Seu mano Antonio tambem aqui esteve ha dias, e deu-me noticias da tal problematica capella da Senhora do Loureiro, onde diz Argote que havia uma inscripção, e do Penedo, com signaes da trovoada. Pelos modos a capella é a que se vê hoje, com outra invocação, ao pé do cruzeiro da igreja. A inscripção foi-se. Provavelmente está a fazer parte de algum sucalco. Este anno volto para Vizella e um dia hei de ir espreitar aquelle sitio, depois de fazer os responsos a Santo Antonio.

Já montámos aqui o museu de inscripções e de outras velharias. Fóra as inscripções, tudo o mais é muito resumido, porque a casa não tem capacidade para nada. Quando se fizer o catalogo dos objectos, hei de mandar-lh'o.

[1] [Sarmento pôs uma interrogação, mas o dolmen chama-se realmente assim].

Dê-me recados ao bom [João de] Vasconcellos, e diga-lhe que não respondi á sua ultima carta por ter muito que fazer, nem ella exigir resposta prompta .....; se lhe continuar o gosto e a paciencia por estas cousas velhas e safadas, o Marco e Baião serão as terras mais bem estudadas do país. Os deuses o conservem e ao meu amigo em todo o fervor do culto .....—Amigo m.^to^ obg.^do^=*F. Martins Sarmento.*

17

Visitas do Dr. Barros e Manoel Negrão a Sarmento

Guimarães—9 Outubro 1884.—Meu caro amigo.—Aqui estou eu em Guimarães e na boa esperança de que não tardam a entrar os muros d'esta terra os exploradores de Canavezes. Diz-me o J[oão] de Vasconcellos que apparece ahi um neophyto de grandes esperanças, que tambem quer vir. Venha elle e que a vinha da sagrada archeologia tenha mais um trabalhador com fé, esperança e boas pernas[1].

Os meus amigos sempre teem de prevenir-me do dia e hora em que chegam, para que o diabo as não arme.

Eu ando com cocegas de fazer umas digressõezitas *extra-muros*, e seria a maior das semsaborias que alguma d'ellas coincidisse com o dia da vinda de V. Ex.^as^

E até cá.—Seu m.^to^ amigo e obg.^do^=*F. Martins Sarmento.*

18

Acquisições do Museu de Guimarães; descripção de um pico prehistorico. Dinheiro do Charonte

Guimarães—27, 11, 1886.—Meu caro amigo.—Recebi o seu presente, que estimei, como pode imaginar. É d'este modo que conseguiremos arranjar um museu, digno de ver-se, e por isso agradecendo o presente de hoje, tenho o descaramento de confessar que espero mais, muitissimo mais, tanto do meu amigo como do J[oão] de Vasconcellos, como de todo o mundo.

A gente pede como cego de romaria, e sempre vae apanhando alguma cousa.

Não sei classificar a rocha a que pertence o objecto que acompanha a machadinha. Temos uma outra machadinha da mesma materia, ou muito semelhante, tambem por classificar. Os mineralogistas por aqui não abundam.

---

[1] [Refere-se a Manuel Negrão. Cfr. *O Arch. Port.*, I, 33, e V, 206-212].

Quanto ao seu prestimo, o Evans, *Âge de Pierre*, traz objectos do mesmo feitio, alguns furados no meio, para receberem um cabo, e que mette na categoria dos machados. Que diabo! Pela fórma tudo isto está a dizer que é um pico. Agora, o que picava este pico é o que a imaginação pode phantasiar nas horas vagas. Certo é que o primeiro pico que entra no museu é o seu. Nas faces mais largas ha duas malhas mais escuras e nas arestas de uma das faces, quasi em diagonal com a mancha, dois vergões, e tudo isto parece estar mostrando que o pico entrava numa reintrancia do topo do cabo—imaginemos:

e as duas peças eram seguras por correias, ou cousa que o valha, atadas na direcção *a b*, onde apparecem os vergões. Acho melhor imaginar isto do que fazer versos.

Os seus ceitis apparecidos em campas são curiosos, porque são uma nova prova de uma costumeira pagã. Em Espinho, perto do Bom Jesus, o parocho ainda se lembra de que os doridos punham no caixão dos mortos uma moeda de 5 réis; e o padre que me deu a notícia affirma que em Ruivães ainda ha pouco se fazia o mesmo, dizendo-se que era para o morto poder passar a Lagoa Stygia. Já vê que o grande Charonte ainda vive.

A minha gente agradece muito e retribue as suas lembranças e eu aqui estou para o que lhe prestar.—Amigo m.^to^ obg.^do^=*F. Martins Sarmento.*

II. Cartas sem data

1

Sepultura de Alpendurada, aberta em rocha

Meu Ex.^mo^ Amigo.—Não respondi e agradeci a ultima carta de V. Ex.^a^, porque tive occupações que m'o prohibiram e uma constipação á mistura.

A sepultura de Alpendurada é muito mais curiosa do que eu pensei; mas nas horas vagas V. Ex.^a^ ha-de-m'a descrever com mais minuciosidade.

É aberta em rocha, diz V. Ex.^a^ Aqui está já a primeira curiosidade. Se ella fica em logar isolado e não perto de igreja ou capella, nem em sitio onde houvesse igreja ou capella, a curiosidade duplica.

A opinião do seu informador, que pretende ver nos desenhos da pedra da cabeceira uma cruz de Malta, daria ao tumulo uma data approximada; mas eu não vejo relação alguma entre a figura desenhada e uma cruz de Malta. Se a sepultura é em rocha, não comprehendo tambem bem como a pedra da cabeceira assenta, salvo se a parte saliente na parte inferior, e que eu marco com K,

é uma especie de espigão que entra pela rocha abaixo, sem o que esta saliencia impede que o assento da pedra *a* possa casar com a superficie da mesma rocha. Se a pedra é cabeceira da sepultura, eu só posso imaginar sepultura e cabeceira assim:

Supponha um corte longitudinal pelo centro da cabeceira e sepultura: *a*, a rocha onde existe a sepultura; *b*, cavidade d'ella; *c*, corte da cabeceira. A espada decerto estava na tampa; mas a espada é em relevo sobre a tampa ou profundada? A tampa é lisa e plana ou de outra forma? V. Ex.ª vá aturando estas impertinencias, respondendo quando lhe sobejar o tempo. Se a sepultura é como eu imagino, ella seria na forma mais aperfeiçoada das sepulturas em rocha, que tanto abundam por ahi, e que, conforme já disse, me teem dado que entender.

Vá-me desculpando e dê-me as suas ordens, quando entender que lhe posso prestar para alguma cousa.—De V. Ex.ª amigo att.º e obg.do=*F. Martins Sarmento.*

2

Projecto do Museu de Guimarães. — As minas na tradição popular

Meu caro Amigo. — Recebi, e muito agradeço, as moedas e vasilha que me mandou. Creio que vamos organizar aqui um museu de velharias com o titulo modesto de Deposito Archeologico, e espero que, com o tempo, reunirá algumas curiosidades dignas de ser vistas. Agradeço tambem a informação acêrca do Monte dos Perdidos. Se a

mina tivesse alguma cousa! Mas eu estou habituado a ver que os demonios das minas apavoram os timidos, enchendo-lhes a imaginação de avejões. No entanto vê-la-hei, porque vou para Vizella com as melhores tenções de espiolhar tudo o que possa.

Sem tempo para mais, e repetindo os meus agradecimentos, sou — De V. Ex.ª amigo e m.to obg.do = *F. Martins Sarmento* [1].

3

Marcos divisorios de freguesia. — Inscripção romana do Marco

Meu Ex.mo Amigo. — Recebi a sua ultima carta e muito lhe agradeço as noticias que me dá e de que vou tomando nota.

Não me é possivel ir ahi antes da estação de banhos findar, o que será talvez para outubro. . . . .

A inscripção no penedo parece-me indubitavelmente ter a data de 1701. Algumas extremas de freguesias são marcadas com datas em penedos; mas nalgumas partes as gravuras em lages, de datas, de figuras diversas, como uma cruz historiada, um coração e mesmo algum animal, são uma mania que eu não pude ainda explicar. Tenho encontrado d'isto em Basto, mas, principalmente, em Ancora e arredores.

É lamentavel que os machados de bronze fossem parar á mão dos fundidores. No Minho é isso uma *avis rara*. Eu ainda não pude encontrar nenhum.

Creio que ainda não falei a V. Ex.ª de uma inscripção que o Antonio Montenegro me mandou (ara com inscripção) e que vimos no Freixo quando por lá andámos. Depois de a estudar e mirar, e tornar a mirar, creio que ella diz: gENIO ONCOBRICENSIVM. o que conteria o antigo nome de Freixo, que seria: ONCOBRICA. É para mim duvidoso se antes do O inicial havia uma outra letra. Ha mais probabilidades de que não, do que o contrario. As tres letras BRI formam uma ligadura BI mal gravada. Mandei uma photographia ao Hübner e veremos se elle concorda com esta leitura. Parece-me, porém, não ser possivel outra. A inscripção contém algumas palavras mais, provavelmente o nome do dedicante; mas as letras são quasi imperceptiveis [2].

Eu o que cada vez sinto mais é que tenhamos tanto que procurar e tão poucos investigadores. Bastava que em cada concelho houvesse

---

[1] [Esta carta, como se vê do conteudo, é anterior á do n.º 16 da 1.ª serie, que tem a data de 31 de Abril de 1885].

[2] [Cfr. *O Arch. Port.*, VI, 43]

um trabalhador com a actividade de V. Ex.ª O que sinto tambem é não poder ir já visitar as suas descobertas; mas lá chegaremos.

Com a maxima estima—De V. Ex.ª amigo e m.to obg.do—*F. Martins Sarmento.*

4

Outra vez a excursão do Marco de Canaveses

Meu caro Amigo.—Aqui estou em Vizella, ainda atordoado pelas impressões que me deixou a excursão ao Marco, avultando entre ellas as d'aquelles banquetes de Lucullus, pelos quaes de certo terei de pagar muito no outro mundo. Depois as grandes massadas, as mil obrigações em que ficou individado para com metade da população do imperio de Canavezes, a famosa molhadella, etc., etc. Tudo isto era capaz de me fazer desgostar da veneranda archeologia, se estas manias fossem das que se curam. Hei de consultar sobre o ponto os dosimetristas. Não realizo por ora a ameaça que lhe fiz com o *autem ergo* de informações, porque só commetterei esse crime depois de reler as suas cartas, que não tenho aqui. Ha lá muita cousa propria a diminuir os *quesitos* que teria a formular sem aquella leitura.

Descanse pois algum tempo, mas não se surprehenda quando a saraivada começar a cahir.

O certo é que não sei como hei de agradecer-lhe as suas finezas e neste caso prefiro calar-me e esperar uma occasião em que possa reunir actos e palavras. Oxalá que a occasião chegue, o que será difficil.

Faça-me muito lembrado a seu bondoso mano, uma das minhas victimas, e ao nosso inseparavel companheiro João de Vasconcellos.

. . . . . .

E creia na profunda estima, com que sou—De V. Ex.ª m.to amigo e m.to obrigado.—*F. Martins Sarmento.*

5

Lembranças da excursão do Marco de Canaveses.—Mouras encantadas. Ainda a inscripção do Freixo

Meu caro Amigo.—Ainda não digeriu bem o primeiro regabofe archeologico e já queria um segundo! Vamos de vagar. Toda a cavallaria do Marco deve estar estafada e não menos aquelles desgraçados que andaram com certos barrillinhos ás costas, levando perus e salame para as casas dos moleiros. Uma verdadeira orgia! Descanse, que eu tambem descanso. Pesco trutas e farejo debalde pelas duas margens do Vizella o rasto de alguma moura, alem das que já são minhas co-

nhecidas. Nada. A ultima estava incentrada [1] numa pedra que um lavrador atirou ao rio na Ponte Nova, e que viu assim desfeito o encanto, indo a boiar na tona de agua para a sua terra. Foi a ultima moura de que tomei nota no meu canhenho.

Parece-me que disse que talvez viesse a Vizella. Aqui tem casa, mesa, roupa lavada e muita amizade, mas previna-me, se vier, porque eu não estou nunca em casa senão o tempo que durmo e como, e seria aborrecido que no dia em que chegasse andasse eu a nomadizar por Felgueiras ou cascos de rolhas.

Se seu mano ainda ahi estiver um abraço, e ao João de Vasconcellos muitas lembranças.....

O diabo da inscripção do Freixo, a do pedestal da cruz, tem-me feito suar os miolos.

Eu leio, completando as letras que faltam e que sublinho, leio, a contar do segundo nome, IOVI O(ptimo) M(aximo) V(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito). Mas antes de Jovi le-se AAS e antes d'estas letras havia de certo, pelo menos, uma outra. Devia ser o nome do dedicante. Se a ultima haste do que parece M ligasse com o S, poderia desdobrar-se o nome em A + N + I + V + S (Anius). Mas, boas noites. — De V. Ex.ª Amigo e obg.do — *F. Martins Sarmento* [2].

6

Esperanças perdidas. — Projectos de excursões

Meu prezado Amigo. — Se eu não fosse incorruptivel como os santos velhos, não resistiria á tentação com que me teem feito negaças as suas cartas; mas resisto, não tem duvida que resisto; e, quanto ao João de Vasconcellos, deixe-me chegar a Guimarães, que eu dou-lhe que fazer, mandando-lhe uns calhamaços que lhe prometti.

Demais, a archeologia tem-me posto de mau humor. Contava passar os ultimos dias de Vizella, fazendo uma exploração numa bouça que já deu ha dois annos uma duzia de urnas funerarias, mas o dono que primeiro se mostrára meio resolvido a dar licença para lhe esfossarem o terreno, abana agora as longas orelhas. Contava, á sombra de um officio da Camara de Guimarães, conquistar da junta de parochia de Santo Adrião de Vizella uma inscripção e um cruzeiro já meio quebrado, e a junta encheu-se de amor pelas cousas velhas e ha todas as probabilidades que responderá com um não redondo. Ainda se isto

[1] [O que parece ler-se no ms. é *incentrada*. Talvez o auctor quisesse escrever *incantada*, pois logo a deante falla em *encanto*].

[2] [Esta carta foi escrita em Vizella].

fosse signal de que começava a ter-se em apreço as cousas antigas! Agarremo-nos a esta consolação.

Mas ia-me esquecendo o motivo principal porque não vou a Canaveses, a terra de D. Mafalda. Preciso de combinar a minha ida num sítio apropriado, e esse sítio é o picoto de Sabroso. Ha de estar lembrado..... Quando eu voltar da Povoa de Varzim, o que será no fim de setembro, e o meu amigo tiver algum dia livre, resolva o nosso [João de] Vasconcellos; e de Guimarães, onde tambem ha alguma cousa que ver, iremos á Citania, a Sabroso e a casco de rolhas, se nos lembrar. Os meus illustres companheiros de Arado, Santa Cruz, etc., não encontrarão em minha casa aquellas avalanches de perus, coelhos, carneiros, etc., que nós sabemos, mas é ter paciencia. Estamos combinados. Viver annos e annos no Marco é anti-hiygenico. Tomem ares, e ares affonsinos.

A seu Mano, se ainda ahi estiver, e ao [João de] Vasconcellos, mil lembranças.—Seu m.to amigo e obg.do=*F. Martins Sarmento*[1].

7

Tentativas de adquirir a gruta de Soalhões para a Sociedade Martins Sarmento

Meu caro Amigo.—Ha tempo infinito que não sei da sua pessoa; mas quero acreditar que tem tido sempre muito melhor saude que eu. Pois tenha mão nella, que é a cousa mais apreciavel que eu conheço. Depois d'este prologo, a massada, que decerto já adivinhou. A massada é esta.

Pude arranjar com que passasse uma lei que permittisse ás corporações como a Sociedade Martins Sarmento adquirir «bens de raiz» para fins puramente scientificos. Sem isso, nem um triste penedo podia ter de seu a sociedade. Ora o diabo do penedo, Gruta de Soalhões, não me sae do sentido. Um dia o dono é capaz de o estilhaçar e seria uma pena porque eu pelo menos não conheço no Minho uma sepultura d'esta especie tão bem authenticada. Não poderia conseguir-se que o proprietario o vendesse á Sociedade? Ponha-se-lhe depois o sinete d'ella e provavelmente ninguem lhe tocará mais.

Que diz a isto? Se o contrato é possivel, a cousa fazia-se promptamente por procuração, ou ahi ou aqui. Espero a sua boa resposta como os rapazes dos Reis. Muitas lembranças ao João de Vasconcellos, ao qual não tardo a saltar para outras cousas.—De V. Ex.a Amigo m.to obg.do=*F. Martins Sarmento.*

---

[1] [Vê-se que esta carta foi escrita na Póvoa de Varzim].